

ANTÔNIO NOBRE E O SIMBOLISMO NO CEARÁ

Sânzio de Azevedo

INTRODUÇÃO

QUEM por acaso haja lido algo sobre a origem da Padaria Espiritual, agremiação cheia de originalidade, idealizada por Antônio Sales em Fortaleza, Capital do Ceará, em 1892, sabe que alguns dos *padeiros* receberam a incumbência de redigir cartas a escritores de Portugal: Adolfo Caminha deveria escrever a Guerra Junqueiro, já que o próprio Sales escreveria a Ramalho Ortigão; Tibúrcio de Freitas, a Eça de Queiroz, e Lopes Filho, a Antônio Nobre.

É o caso de alguém, tendo conhecimento de que o grêmio foi fundado em maio desse ano de 1892, estranhar que seus componentes já admirassem Antônio Nobre, cujo livro *Só* foi editado em Paris, por Léon Vanier, precisamente nesse ano, e levando em conta que no século XIX as obras publicadas no Rio de Janeiro demoravam a chegar aos Estados do Nordeste. Entretanto, Adolfo Caminha, que ficou entre os *padeiros* apenas no primeiro ano da associação, deixou, numa página de reminiscências, este depoimento precioso: “O único volume do *Só*, que aparecera misteriosamente na província, andava de mão em mão, era lido e relido, e entrava-nos pela alma como um jorro de luz setentrional, como uma onda quente de vida nova. O *Só* era a nossa bíblia, o nosso encanto, o nosso livro amado.”²³

A nosso ver, e isto está explicitado em trabalho que nasceu de nossa tese de Doutorado na UFRJ,²⁴ o Simbolismo que surgiu no Ceará dentro do grêmio nada deve ao movimento da *Folha Popular* do Rio de Janeiro, e sim ao Decadentismo português.

Publicado em Fortaleza um mês antes dos *Broquéis*, de Cruz e Sousa,²⁵ o livro *Phantos*, de Lopes Filho, abre com uma “Carta-Prefácio”

23 CAMINHA, Adolfo. Cartas Literárias. Rio de Janeiro: Aldina, 1895, p.163.

24 AZEVEDO, Sânzio de. A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará. 2.ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar/UFC, 1996.

25 Sabemos que, antes dos *Broquéis* (1893) de Cruz e Sousa, houve Simbolismo na Parisina (1879) de Carvalho Jr., em parte das *Fanfarras* (1882) de Teófilo Dias, nas *Opalas* (1884) de Fontoura Xavier e nos *Pecados*

em que Antônio Sales (que nunca aceitaria o Simbolismo), dirigindo-se ao poeta, diz: “Bem se vê que leste Verlaine, Mallarmé, Moréas, Nobre e Eugênio de Castro, esses alucinados vates do fim do século, apóstolos da escola estranha do Decadismo...”²⁶

É sintomática a ausência de alusão a qualquer nome de poeta simbolista brasileiro, prova de que, no Ceará, não haviam ainda repercutido os ecos do movimento do Rio de Janeiro, onde pontificavam Cruz e Sousa, Emiliano Pernetá, B. Lopes, Oscar Rosas e outros.

Faltou, no texto de Antônio Sales, uma referência aos *Simples*, também de 1892, único livro simbolista de Guerra Junqueiro, que igualmente influiu na dicção de Lopes Filho. Mas não temos dúvida de que as notas da nova corrente vieram, para dois poetas da Padaria Espiritual (o citado Lopes Filho e Lívio Barreto), principalmente da leitura de *Só*, de Antônio Sales.

José Carlos Seabra Pereira, em estudo fundamental sobre a poesia *novista* em Portugal,²⁷ para melhor caracterizá-la, detém-se na análise do que chama de “Espírito e temas da poesia decadentista e simbolista”. É o caso do pessimismo fatalista, onde se estadeia a recusa à vida e o homem se sente sujeito às forças da Fatalidade; ou da inconstância e precipitação desastrosa da vida, em que se lamenta a perda da felicidade e a queda nas desgraças do presente; isso é mais ou menos o que vemos em outro tema, o do engano e desengano. E é daí que vêm o desânimo, a apatia, o *taedium vitae*. Sentindo-se deslocado em seu mundo e em seu tempo, mergulha o artista dentro de si mesmo, numa atitude de insulamento, às vezes com traços de aristocratismo, o que é, em última análise, a famosa “torre de marfim” dos nefelibatas. Daí a presença de um mundo de engano, que às vezes descamba para a estesia do fúnebre e não raro para a *mors liberatrix*, a busca da morte como libertação. Alguns desses temas vão aparecer no Simbolismo cearense.

(1889) de Medeiros e Albuquerque.

26 SALES, Antônio. Carta-Prefácio. In: LOPES FILHO. Phantos. Fortaleza: Padaria Espiritual Editora, Tip. Universal, 1893, p.X.

27 PEREIRA, José Carlos Seabra. Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa. Coimbra: Coimbra Editora, 1975, p.261-376.

PHANTOS, DE LOPES FILHO

Neste livro, que, segundo dissemos, é de 1893, há um poema, datado de 1892, “Igrejinha”, composto de alexandrinos e alguns hexasílabos, que lembra o tom coloquial, cheio de nostalgia e ingenuidade, que povoa alguns textos do *Só*, aliás, os que menos se aproximam da dicção simbolista. No poema de Lopes Filho lê-se: “Hoje o que me falta é somente confiança, / A fé que tinha quando era uma criança; / Quando, alegre e jovial, nas noites de Novena, / Cantava com uma voz plangente, enternecida: / *Ave, gratiae plena!*...”

Não podemos deixar de lembrar aquela estrofe de “Antônio”, em que Nobre, no *Só*, confessa:

E eu ia às novenas, em tarde de Maio
Pedir ao Senhor:
E, ouvind o esses cantos, tremia em desmaio,
Mudava de cor!

Por sinal, no poema de Lopes Filho há vários alexandrinos irregulares (do ponto de vista clássico), dentre eles “Uma *ave* em louvor à Virgem da Conceição”, que tem a sexta sílaba fraca, o que nos remete para versos como este, de Nobre, “Sou padre. São de água meus Santos Evangelhos”, do poema “À Toa”.

No soneto “Aniversário d’um Poeta”, dos *Phantos*, com data de 1893 e dedicado a Álvaro Martins, companheiro de grêmio, após encarecer as afinidades entre ambos, quanto à má sorte, diz Lopes Filho, numa espécie de aristocratismo e insulamento com que se consola do pessimismo fatalista que enforma todo o poema:

Mentiram-te Homens, e Mulheres todas!
E tiveste, como eu, as mesmas Bodas,
- Filho Pródigo, enfim, voltando ao Lar...

Hoje, olhamos a todos com desdém;
E, como pobres a peregrinar,
Que importa que nos chamem Pedro Cem?

A personagem que se tornou folclórica é Pedro Sem, “Figura muito popular na tradição do Porto, milionário desdenhoso que tudo perdeu num só dia”, como nos informa Luís da Câmara Cascudo.⁶²⁸ A ele se refere Antônio Nobre, no citado poema “Antônio”:

Fiquei pobrezinho, fiquei sem quimeras,
Tal qual Pedro Sem,
Que teve fragatas, que teve galeras,
Que teve e não tem...

Mas sempre é interessante assinalar que a grafia Pedro Cem iria reaparecer no “Réquiem do Ocaso”, do simbolista paranaense Silveira Neto, poema datado de 1920.

Outro soneto de Lopes Filho, “No Campo”, dedicado a Sabino Batista e datado de 1892, por sinal com poucas notas de puro Simbolismo, diz nos tercetos:

Nem sei mesmo onde vou... erro nas matas,
Vendo as flores e os pássaros que estão
Cantando ao sol dulcíssimas volatas.

E o bosque e as aves me conhecem todos,
Pois, cuído ouvi-los (e com que bons modos!)
Dizer: bom dia! adeus! olá! João!...

Esse modo simples de falar, assim como a alusão ao próprio nome (Lopes Filho na verdade se chamava João Lopes de Abreu Lage) está em alguns versos de Nobre, como no soneto nº 12 do *Só*, em que, após falar das notícias desencontradas que percorrem os fios telegráficos onde estão pousados os pássaros, diz o poeta:

E as boas aves, bem se importam elas!
Continuam cantando, tagarelas:
Assim, Antônio! debes ser também.

28 CASCUDO, Luís da Câmara. Antônio Nobre (poesia). Rio de Janeiro: Agir, 1959, p.27. (Nossos Clássicos, 41)

Mas um dos poemas de Lopes Filho em que mais patente nos parece a influência de Antônio Nobre é o soneto “Os Vencidos da Vida”, cujo título já lembra Portugal, evocando-nos um grupo de intelectuais do qual não fazia parte o poeta do *Só*, bem mais jovem que seus componentes. O poema do cearense é datado de 1893 e dedicado a Ulisses Bezerra, como os das dedicatórias anteriores, membro do grêmio:

De nosso lábio triste e descorado
Murchou a flor vermelha da Alegria;
E o nosso rir é um rir contrariado,
Sempre amarelo e cheio de Ironia...

Vinte anos! já velhice! quem diria
Que chegasse (tão cedo!) tal estado,
Em que é o Coração suplicado
Um claustro cheio de Melancolia!...

Schopenhauer! Lusbel, tu semeaste
A dúvida cruel em nossos peitos,
E a Fé e o Amor de nós arrebataste!

Vamos, pois, meus amigos, no abandono!
Resta-nos hoje o derradeiro Sono!...
- Coveiros! onde estão os nossos Leitos?

Com o mesmo espírito, traduzindo em versos amargos a idéia de engano e desengano e precipitação desastrosa da vida, além de desânimo e apatia, não faltando nem mesmo o apelo à *mors liberatrix*, Antônio Nobre havia composto em 1889 o que seria o soneto nº 13 do *Só*:

Falhei na Vida. Zut! Ideais caídos!
Torres por terra! As árvores sem ramos!
Ó meus Amigos! todos nós falhamos...
Nada nos resta. Somos uns perdidos.

Choremos, abracemo-nos, unidos!
Que fazer? Por que não nos suicidamos?
Jesus! Jesus! Resignação... Formamos
No Mundo, o claustro-pleno dos Vencidos.

Troquemos o burel por esta capa!
Ao longe, os sinos místicos da Trapa
Clamam por nós, convidam-nos a entrar:

Vamos semear o pão, podar as uvas,
Pegai na enxada, descalçai as luvas,
Tendes bom corpo, Irmãos! Vamos cavar!

Temos aí a mesma desolação derrotista, as mesmas maiúsculas alegorizadoras, e até mesmo o “claustro-pleno” de Nobre parece corresponder ao “claustro cheio de Melancolia” do poeta cearense. E o final do soneto de Lopes Filho lembra ainda outro do poeta português, o soneto nº 18 do *Só*, em cujos versos finais encontramos, como no dos *Phantos*, a busca da *mors liberatrix* de que fala José Carlos Seabra Pereira:

Ai quem me dera entrar nesse convento
Que há além da Morte e que se chama *A Paz!*

Lopes Filho nasceu em Fortaleza, no dia 7 de abril de 1868, vindo a falecer na mesma cidade em 19 de julho de 1900 (no mesmo ano e quase da idade de Nobre). Deixou inédito o livro *Procelas*, que se afasta um tanto da dicção dos *Phantos*.

DOLENTES, DE LÍVIO BARRETO

Era costume, em fins do século XIX e início do século XX, um crítico, julgando estar encarecendo o valor dos versos de um poeta, assegurar que ele não seguia escola, como se fosse *capitis diminutio* o fato de um artista seguir uma corrente estética. Assim é que vemos Waldemiro Cavalcanti, responsável pela edição póstuma do livro *Dolentes*, de

Lívio Barreto, dizer do poeta que, “ferindo aqui e acolá a corda simbólica, no desleixo nefelibata, mostra-se ainda assim, superior aos que entre nós têm procurado acompanhar a nova tendência literária sem a compreenderem”. E, pouco adiante: “Insubordinado por temperamento, Lívio não sujeitaria jamais seu espírito a uma ordem de idéias que para manifestar-se tivesse de seguir processos quase mecânicos de uma escola consagrada.”⁷²⁹

Por sua vez, Artur Teófilo (companheiro de grêmio como Waldemiro e como este amigo de infância do poeta) dá, em artigo de homenagem póstuma, estampado no periódico da Padaria Espiritual, preciosa informação que de certa forma contribui para explicar a gênese do Simbolismo do autor de *Dolentes*: “Eu não conheci ninguém que tivesse como Lívio, em tão elevado grau, o talento de assimilação e da Forma; uma noite estivemos lendo o *Só* do Antônio Nobre e no dia seguinte mandou-me ele um soneto, de uma concepção estranha e de uma forma torturada e vesga, moldado pelo escopo do decadismo e perfeitamente semelhante aos versos do poeta português. Essas produções, porém, ele não as considerava suas e rasgava-as.”⁸³⁰

Diga-se de passagem que, apesar de o Simbolismo cearense haver surgido na Padaria Espiritual, a grande maioria dos “padeiros” não tinha muito apreço pela corrente, razão da adjetivação usada por Artur Teófilo (“forma torturada e vesga”, etc.).

Os *Dolentes* abrem como uma espécie de profissão de fé simbolista, o poema “Credencial”, cuja última estrofe diz:

Arte! ideal, oh sacrossanto viático!
Ó Arte – *Mater* de consolações!
Com os meus sonhos e amores e ilusões
Fiz-te um missal de Dor! – sou teu fanático!

A propósito deste último verso, é interessante lembrar que, pelo fato de Mário Linhares, num livro de 1938, haver afirmado que “Lívio Barreto teve a intuição do simbolismo, antes mesmo de conhecer coisa

29 CAVALCANTI, Waldemiro. Lívio Barreto. In: BARRETO, Lívio. *Dolentes*. Fortaleza:Tip. Universal, 1897, p. XV-XVI.

30 O Pão no 26, Fortaleza, 15 de outubro de 1895, p.1.

alguma dessa escola”³¹, Abelardo F. Montenegro, dezesseis anos depois, discordou do poeta e crítico dizendo: “Acreditamos, porém, que Lívio conhecia Cruz e Sousa. Referindo-se à Arte, afirma no último verso de um quarteto de CRENDENCIAL: ‘Fiz-te um missal de Dor! sou teu fanático’.”³²

É verdade que o poema é de 1894, e embora o poeta estivesse em Camucim, afastado talvez das novidades literárias, poderia já conhecer o livro de prosa poética de Cruz e Sousa. Acontece porém que *missal*, antes de ser título de livro, já pertencia ao vocabulário simbolista. Não é fora de propósito pensar que o “missal de Dor” do texto que abre os *Dolentes* haja tido origem no soneto nº 1 do *Só*, em cujo segundo quarteto lemos:

E depois, com a mão firme e serena,
Compus este Missal dum Torturado:
Talvez choreis, talvez vos faça pena...
Chorai! que imenso tenho eu já chorado.

Talvez haja coincidência no fato de Nobre ter um poema “O Sono de João” e Lívio Barreto outro, “O Sono do Olavo”. Mas quando constatamos que no *Só* há “O Meu Cachimbo” e, nos *Dolentes*, “Meu Cachimbo”, começamos a pensar mesmo em influência clara.

No livro do cearense há um soneto, “Noturno”, cheio de notas de hermetismo, e cujo primeiro terceto diz:

Pia ao longe a coruja: é a sentinela.
Alerta! Pronto! (Como a noite é bela)
Morre, vill! Por Jesus! Perdão, perdão!

Lívio Barreto pretendeu mostrar, nesses versos aparentemente sem sentido, o que lhe ia no coração. Mas não deixa de ser curiosa a semelhança de processo entre esse terceto do “Noturno” e o primeiro terceto do já citado soneto nº 12 do *Só*, aquele dos pássaros nos fios. Claro que a *enumeração caótica* (Spitzer) do poeta português teve outro

31 LINHARES, Mário. Poetas Esquecidos. Rio de Janeiro: Pongetti, 1938, p.202.

32 10MONTENEGRO, Abelardo F. Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil. Fortaleza: A. Batista Fontenele, 1954, p. 178-9.

motivo, já que quis figurar o que vai pelo telégrafo, mas é interessante o confronto. Tendo em mente os versos de Lívio (que são de 1894), leiamos os de Nobre:

- Revolução! – Inútil. – Cem feridos,
Setenta mortos. – Beijo-te! – Perdidos!
- Enfim, feliz! - ? - ! – Desesperado. – Vem.

Há nos *Dolentes* um texto intitulado singularmente “Poemas Nocturnos”, também com data de 1894, entremeando dísticos e quartetos, e que termina assim:

Do azul longínquo vai a lua em meio.
Monja da noite de rosário ao seio.
Vai longe a noite; quem me dera o dia!
Estou cansado d’esta solidão..
Ó sol, acaba esta melancolia
Que a lua deixa no meu coração.

Está claro nestes versos o fascínio exercido pelo chamado astro da noite sobre os poetas, notadamente os simbolistas. É interessante compará-los com as derradeiras estrofes do poema “Da Influência da Lua”, composto por Nobre em Paris, em 1886, e incluído no *Só*:

Ai os meus nervos quando a Lua é cheia!
Da Arte novas concepções descubro,
Todo me aflijo, fazem lá idéia!
Ai a ascensão da Lua, pelo Outubro!

Tardes de Outubro! ó tardes de novena!
Outono! Mês de Maio, na lareira!
Tardes...

Lá vem a Lua, *gratiae plena*,
Do convento dos céus, a eterna freira!

Vemos que antes do poeta cearense Nobre havia comparado a lua a uma freira e falado da força exercida pela lua em seu espírito.

Poema de estranha musicalidade, “Os Cravos Brancos, dos *Dolentes*, com data de 1893, fazem parte de uma divisão do livro sob o mesmo título. Predominam nesse poema os dodecassílabos trímetros, ou seja, com ictos nas sílabas 4ª, 8ª e 12ª, muita vez sem obediência à censura medial do alexandrino clássico. Transcrevamos apenas a última estrofe desse poema, não sem antes lembrar que na revista *A Jangada*, já no século XX, Liberato Nogueira, apesar de fazer elogios a Lívio Barreto, sentenciava, com base certamente nos tratados de versificação e desconhecendo as inovações do Simbolismo: “Ressaltam pelos seus descuidos alguns defeitos de metrificação, irregularidade da cesura e deslocamento do hemistíquio.”³³ Leiamos o final de “Os Cravos Brancos”:

Cravos brancos como as mãos da minha amada.
Quando eu descer à terra fria, n’um caixão,
Desabrochai, brancos soluços d’alvorada,
Ó cravos brancos que plantei no coração.

Reproduzamos agora a segunda quintilha de “Ao Canto do Lume”, de Antônio Nobre, composto em Paris em 1890 e 91, onde igualmente encontramos trímetros sem obediência à cesura medial:

Faz tanto frio. (Só de a ver, me gela, a cama...)
Que frio! Olá, Joseph! Deita mais carvão!
E quando todo se extinguir na áurea chama,
Eu deitarei (para que serve? já não ama)
Às cinzas brancas o meu pobre coração!

Nem há necessidade de apontar as semelhanças entre estes versos do *Só* e aqueles de *Dolentes*. Mas acrescentamos que quase no final dos “Males de Anto” Nobre havia escrito: “Que linda noite! Os cravos vão a abrir...” E o poema “Desabrochando”, dessa citada parte do livro de Lívio Barreto, repete várias vezes o verso “Os cravos brancos vão a abrir agora”.

33 NOGUEIRA, Liberato. “Lívio Barreto”. *A Jangada*. Fortaleza: 7: 3, 20 nov. 1909

Um poema de Lívio, “O Sono do Coração”, não incluído no livro póstumo, e que fomos encontrar no nº 30 de *O Pão*, de 15 de dezembro de 1895, datado de 1893, conjuga hendecassílabos e octossílabos:

O vento tardio da noite murmura
No campanário abandonado.
Oh, lua de Junho, tão triste, tão pura
No teu roupão aurilavrado,
És como um cravo desbrochado
No azul monótono da altura.

Note-se que os versos primeiro e terceiro são hendecassílabos (de 11 sílabas), mas não daqueles que a maioria dos simbolistas brasileiros iria usar, do tipo trocaico, certamente por influência de Guerra Junqueiro, n’ *Os Simples*: “Ai dos pobres mortos que não têm fogueiras, / Nem velhinhas santas que lhes dêem luz!” São na verdade hendecassílabos iâmbico-anapésticos, como os que os românticos brasileiros tanto apreciavam: “Assombram das matas a imensa extensão” (Gonçalves Dias).

Mas não foi no nosso Romantismo que Lívio Barreto foi buscar esse metro e sim, mais uma vez, em Antônio Nobre, que o emprega várias vezes, como no citado poema “Antônio” e, entre outros, conjugando-o com o pentassílabo, (como no citado “Antônio”), em “Saudade”:

Saudades! e canta, na Torre deu a hora
Da sua novena:
Olhai-a! dá ares de Nossa Senhora,
Quando era pequena.

Lívio Barreto nasceu em Granja, Ceará, no dia 18 de fevereiro de 1870 e veio falecer em Camucim, no mesmo Estado, no dia 29 de setembro de 1895. Foi a maior figura do Simbolismo no Ceará.

CONCLUSÃO

Desde os tempos da Academia Francesa, grupo que reunia, nos anos 70 do século XIX, nomes como os de Rocha Lima, Tomás Pompeu, Araripe Júnior, Capistrano de Abreu e outros, vários filósofos europeus eram tema de discussão no Recife, no Rio de Janeiro e na própria Europa.

Entre as causas do progresso que houve a partir de 1850 na Província, assinala o historiador Raimundo Girão, além da difusão do ensino e da justiça, a instalação do Bispado e a construção da estrada de ferro e o advento dos telégrafos, “o estabelecimento da navegação direta e freqüente com os mercados da Europa”.³⁴

Esse intercâmbio explica o fato de em 1892 ser impressa em Lisboa, na Casa Editora Antônio Maria Pereira, para o livreiro cearense Guálter R. Silva, a segunda edição das *Lendas e Canções Populares*, de Juvenal Galeno.

Editado, como foi dito, em Paris, nesse mesmo ano chegava a Fortaleza, provavelmente via Portugal, o *Só*, de Antônio Nobre.

Creemos haver demonstrado estar principalmente nesse livro a causa da adesão, ao Simbolismo, tanto de Lopes Filho quanto de Lívio Barreto. E uma das razões por que o Simbolismo desses poetas cearenses não chegou a ser muito radical está justamente em sua origem. Vitorino Nemésio, depois de afirmar que o Simbolismo de Antônio Nobre, embora sugerido por franceses, é fruto puramente português, chegou a dizer: “É até caso para se perguntar se há realmente direito de se chamar simbolismo à poesia confessional do *Só*.”³⁵

Outros poetas simbolistas surgiram no Ceará, ainda no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, mas somente os *Phantos* e os *Dolentes* nada deveram à corrente do Sul do País, tendo em sua gênese, principalmente, aquele que foi “o livro mais triste que há em Portugal”.

34 GIRÃO, Raimundo. “Panorama econômico do Ceará”. In: GIRÃO, Raimundo & MARTINS FILHO. O Ceará. Fortaleza: Ed. Fortaleza, 1939, p.172.

35 NEMÉSIO, Vitorino. “Do Livro mais triste...” In: _____. Conhecimento de Poesia. Lisboa: Editorial Verbo, 1970, p.100.